A PROFECIA no Novo Testamento

George W. Knight, III

EDITORA
OS PURITANOS

1998

1ª Edição - Maio de 1998
1.000 exemplares.

É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, sem autorização por escrito dos editores, exceto citações em resenhas.

Tradução:
Marcos Vasconcelos

Revisão:
Presb. F. Solano Portela Neto

Capa:
Editora Os Puritanos

Editora:
Os Puritanos
Fone: (011) 6957-3148
e-mail: puritano@mandic.com.br

Impressão:
Facioli Gráfica e Editora Ltda
Rua Canguaretama, 181 - São Paulo - SP

PREFÁCIO

O *Catecismo Maior de Westminster*, repetindo o unânime testemunho do protestantismo histórico como um todo, afirma que As Escrituras Sagradas do Velho e do Novo Testamentos são "a Palavra de Deus, a ***única regra*** de fé e obediência" (pergunta 3, ênfase acrescentada). Este compromisso específico com o *Sola Scriptura* para a orientação divina em assuntos de fé e de vida baseia-se nos seguintes fatos correlatos: (1) que a luz da natureza no homem e as obras da criação e da providência "não são suficientes para dar aquele conhecimento de Deus e de Sua vontade, necessário à salvação" (noutras palavras: a revelação geral é insuficiente como guia em assuntos de fé e de vida); e (2) que cessou "aqueles antigos modos de Deus revelar a Sua vontade ao Seu povo" [através daqueles que ocuparam os ofícios extraordinários de profeta, no Velho Testamento, e apóstolo e profeta, no Novo Testamento] (noutras palavras: cessou a atividade revelatória especial que supria a orientação necessária em tais assuntos — *Confissão de Fé de Westminster*, Cap.I:I). A Assembléia de Westminster não apenas declarou que as Sagradas

Escrituras são a "única regra" de fé e de vida, mas declarou também, conformemente, que elas são "indispensáveis" para se conhecer a vontade de Deus para a Sua igreja. Também em conformidade com isso, a Assembléia de Westminster declarou, no seu *Da Forma de Governo Eclesiástico Presbiterial e da Ordenação de Ministros*, que agora os oficiais perpétuos da igreja são "pastores, mestres, e outros governantes da igreja, e diáconos" desde que cessaram os oficiais extraordinários, "como apóstolos [...] e profetas", os quais Cristo determinou para a edificação da Sua igreja e para o aperfeiçoamento dos santos (cf. terceira seção: "Dos oficiais da Igreja").

Hoje, entretanto, alguns eclesiásticos contendem que as Sagradas Escrituras não garantem a conclusão de que o ofício extraordinário de profeta, como a viva voz de Deus, foi-se com a passagem da era apostólica. Antes, pelo contrário, insistem que Deus pode falar hoje à Sua igreja, e assim o faz, através de "profetas", dados pelo Espírito, que possuem o dom de "profecia", que, algumas vezes, é até mesmo de caráter preditório. Eles reconhecerão que estas "declarações proféticas" contemporâneas não são nem canônicas, nem normativas, nem, por isso, inerrantes. De fato, eles irão até dizer que estas declarações, conquanto verdadeiras no principal, podem, na verdade, ser maculadas pelo erro (normalmente cita-se aqui Atos 21:4). Eles insistem que, apesar disso, o Espírito

fala mesmo à Sua igreja através dessas profecias e que, como tais, a igreja deve atendê-las e ponderá-las.

É a esta disputa atual favorita à profecia moderna, que se destina o estudo do Dr. George Knight. Através de uma cuidadosa consideração das palavras pertinentes do Novo Testamento relacionadas ao exercício do ofício profético, Knight argumenta (1) que tanto os profetas do Velho quanto do Novo Testamento eram porta-vozes inspirados por Deus; (2) que suas declarações, conquanto não necessariamente canônicas nem normativas para a igreja em todo o tempo, foram não obstante, como declarações inspiradas pelo Espírito, necessariamente revelacionais (e portanto inerrantes); e (3) que o ofício profético terminou com o fechamento da era apostólica e o encerramento do cânon do Novo Testamento.

Na minha opinião, este pequeno livro trás uma valiosa contribuição ao corrente debate entre aqueles que hoje confessam fidelidade às Escrituras. É minha oração que o Espírito de Deus o utilize na luta contínua pela preservação da pureza e da paz da igreja de Cristo — uma preocupação que, tenho certeza, é igualmente compartilhada por todos aqueles engajados na discussão.

Robert L. Reymond
Professor de Teologia Sistemática
Knox Theological Seminary
Ft. Lauderdale, Florida

A PROFECIA NO NOVO TESTAMENTO

Por George W. Knight, III

Este estudo[1] procura constatar o entendimento da própria Escritura sobre a profecia[2] no Novo Testamento.

A primeira referência à profecia no Novo Testamento acha-se em meio à experiência do Pentecoste registrada em

---

[1] Referências a comentários e a outros escritos foram mantidas no mínimo para conservar este estudo tão breve e legível o quanto possível para que possa servir a um amplo círculo de leitores.

[2] O Novo Testamento usa três termos com referência ao fenômeno de profecia, dois substantivos cognatos, "profecia" e "profeta", e o verbo cognato "profetizar". "Profecia" é a mensagem da parte de Deus dada pelo "profeta" quando "profetiza". "Profeta" é quem dá uma profecia no ato de "profetizar". "Profetizar" é a ação do "profeta" ao dar a "profecia". A palavra "profecia" (do grego projhteia /prófêteia/) ocorre 19 vezes no Novo Testamento (Mt.13:14; Rm.12:6; I Cor.12:10; 13:2,8; 14:6; I Ts.5:20; I Tm.1:18; 4:14; II Pd.1:20,21; Ap.1:3; 11:6; 19:10; 22:7,10,18,19). A palavra "profeta" (no grego projhths / prófêtês/) ocorre 144 vezes no Novo Testamento (86 vezes nos Evangelhos, 30 vezes em Atos, 14 vezes em Paulo, 2 vezes em Hebreus, uma vez em Tiago e em I Pedro, 2 vezes em II Pedro e 8 vezes em Apocalipse). A palavra "profetizar" (no grego projhteuw /prófêteuô/) ocorre 28 vezes no Novo Testamento (Mt.1:22; 11:13; 15:7; 26:68; Mc.7:6; 14:65; Lc.1:67; 22:64; Jo.11:51; At.2:17,18; 19:6;21:9; I Cor.11:4,5; 13:9; 14:1,3,4,5,24,31,39; I Pd.1:10; Jd.14; Ap.10:11; 11:3).

Atos 2:14 ss., especialmente nos versículos 17 e 18. Naquela narrativa Pedro diz que a promessa feita pelo profeta Joel (2:28-32) de que Deus derramaria o Seu Espírito nos últimos dias foi cumprida (em Pentecoste) e como resultado eles "profetizarão" (v.18, as próprias palavras de Pedro reiteram a promessa de Joel). Devem ser observadas duas coisas nesta passagem. A primeira é que a profecia no Novo Testamento é o resultado da obra especial do Espírito em alguém, isto é, é um dos dons carismáticos especiais ("derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, e sonharão vossos velhos", Atos 2:17). A segunda, é que Joel, profeta do Velho Testamento, prediz e descreve esta profecia do Novo Testamento nos termos da profecia do Velho Testamento, isto é, ele utiliza "profetizar", o verbo comum do Velho Testamento (Atos 2:17=Joel 2:28) para indicar aquilo que irão fazer, e utiliza os termos descritivos "visões" e "sonhos" (novamente, Atos 2:17=Joel 2:28) para indicar as formas pelas quais Deus revelou aos profetas o que Ele queria que "profetizassem". De fato, a promessa encontrada em Joel é que o fenômeno, que fora limitado a certos indivíduos no Velho

Testamento, tornar-se-ia, naquele momento, um fenômeno experimentado por gente de todo tipo. Portanto, a capacidade de "profetizar" do Velho Testamento torna-se, no dia de Pentecoste, um fenômeno muito comum.

Para apreciarmos esta verdade precisamos compreender o que, de fato, fazia aquele que profetizava. Desse modo teremos um maior discernimento quanto ao sentido da profecia praticada no Velho Testamento e prometida em ampla escala na era apostólica. A passagem clássica do Velho Testamento que esclarece a atividade profética é aquela declaração dada por Deus bem no começo, encontrada em Deuteronômio 18:18, que diz: "Suscitar-lhes-ei um profeta do meio de seus irmãos [...] em cuja boca porei as minhas palavras, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar [...] as minhas palavras, que ele falar em meu nome [...]". Esta passagem diz claramente que profeta é alguém que recebe palavras de Deus e as fala. Em outras palavras: ele anuncia as revelações recebidas de Deus. Para o Velho Testamento e para Joel é isso o que alguém faz quando profetiza, e é esta capacidade de profetizar que Joel promete e que se cumpre no Pentecoste.

Para um maior vislumbre do Velho Testamento considere Números 12:6, onde lemos: "Ouvi, agora, as minhas palavras; se entre vós há profeta, eu, o SENHOR, em visão a ele, me faço conhecer ou falo com ele em sonhos". Esta passagem diz que Deus se dá a conhecer a um profeta por meio de visão ou sonho; através destes meios Deus revela ao profeta a mensagem a ser profetizada.

Joel prediz o que irá ocorrer nos últimos dias e Pedro afirma que a predição de Joel estava sendo cumprida naquela ocasião no meio deles. Em Atos 2:17-21, Pedro cita a passagem de Joel, e diz nas palavras introdutórias do versículo 16: "o que ocorre é o que foi dito por intermédio do profeta Joel". Isso indica que o que Joel havia prometido estava acontecendo naquele momento. Temos, assim, no Novo Testamento, o evidente contexto do Velho Testamento para o uso e o sentido do conceito de "profetizar" (e dos termos correlatos "profeta" e "profecia").[3]

[3] Também se encontra esse contexto no costume inicial refletido nos Evangelhos, onde esses termos — que são usados primariamente para a profecia do Velho Testamento em quase todas as referências com exceção das seguintes — são então aplicados indistintamente com relação a João Batista (Mt.11:9; 14:5; 21:26; Mc.6:15; 11:32; Lc.1:76; 2:26; 20:6) e a Jesus (Mt.16:14; 21:11,46; 26:68; Mc.8:28; 14:65;

Portanto, o prometido fenômeno de "profetizar", é, no Novo Testamento, a capacidade de falar as palavras que Deus dá àquele que as profetiza.

O que temos visto da análise da passagem de Atos 2 (Joel 2) é confirmado pela primeira descrição do exercício deste dom na igreja do Novo Testamento, após Pentecoste. A referência é Atos 11:27-28: "Naqueles dias, desceram alguns profetas de Jerusalém para Antioquia, e, apresentando-se um deles, chamado Ágabo, dava a entender pelo Espírito, que estava para vir grande fome por todo o mundo, a qual sobreveio nos dias de Cláudio". A passagem indica claramente que a capacidade de profetizar de Ágabo é resultado da obra do Espírito, exatamente como estabelecia o trecho de Joel citado em Atos. Ágabo, como profeta, dá a mensagem (que lhe foi revelada por Deus para que profetizasse) de que ocorrerá uma grande

---

[3] *Continuação.* Lc.7:16,39; 22:64; 24:19; Jo.4:19; 6:14; 7:40; 9:17) e usados por Jesus para se referir àqueles que "enviaria" durante o período apostólico (Mt.23:34; Lc.11:49), a saber, aqueles dos quais falam Atos e as epístolas. De modo semelhante o livro dos Atos usa o termo "profeta" intercambiavelmente para os profetas do Velho Testamento, para Jesus (Atos 2:16,30; 3:18,21-25; 7:37,42,48,52; 8:28,30,34; 10:43; 13:15,20,27,40; 15:15; 24:14; 26:22,27; 28:23,25) e para os profetas do Novo Testamento (11:27; 13:1; 15:32; 21:10)

fome, e a sua profecia se concretiza: uma grande fome ocorre no reinado de Cláudio.

Novamente em Atos 21:10 ss. Ágabo prediz o que vai ocorrer a Paulo (que ele será amarrado e entregue aos gentios) e assevera explicitamente que a sua declaração é o que "diz o Espírito Santo" (v.11) — esta expressão é um equivalente neotestamentário para "assim diz o Senhor". Por estas palavras Ágabo está testificando que a mensagem que traz foi falada diretamente pelo Espírito Santo. Ágabo está fazendo precisamente o que Deus disse que um profeta faria: "em cuja boca porei as minhas palavras e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar" (Dt. 18:18).

Um terceiro exemplo do fenômeno de "profetas" entregando a mensagem revelada por Deus acha-se em Atos 13:1-3. A narrativa mostra que os profetas estão lado a lado com os mestres de Antioquia (v.1). Lemos então que "disse o Espírito Santo: Separai-me, agora, Barnabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado" (v.2). Visto que aprendemos pelo Novo Testamento que é pelo profeta (juntamente com o apóstolo, mas não o mestre) através de quem o Espírito Santo fala a revelação de Deus (cf. não somente as passagens dadas acima neste parágrafo, mas também

I Co.14:29-32; Ef.3:5; 2 Pd.1:21), este relato é um outro exemplo de como Deus os usa para comunicar a mensagem que está revelando (como também 1 Tm.1:18 e 4:14). Estes cinco casos de profecia neotestamentária ensinam que o conceito de "profetizar" e de ser um "profeta" no Novo Testamento é o que Deus prometeu através de Joel, a saber, que o fenômeno veterotestamentário continua na era apostólica. *Tal fenômeno pode ser simplesmente expresso em: o profeta dá a revelação que Deus deu a ele.*[4]

Diante deste panorama, voltamo-nos para tratar, em sua totalidade, sobre o dom de profecia no Novo Testamento, I Coríntios

---

[4] Alguns têm dito que Atos 21:4 indica que a profecia do Novo Testamento é a combinação do entendimento correto da mensagem central com a falta de compreensão dos fenômenos relacionados a ela, quando diz que "eles, movidos pelo Espírito, recomendavam, a Paulo que não fosse a Jerusalém". Há dois possíveis entendimentos para esta mensagem. O primeiro é que Paulo desobedeceu de fato esta mensagem do Espírito, pensando que Deus havia indicado que ele deveria ir para Jerusalém, e por isso, presumindo que aqueles que haviam falado dessa forma estavam enganados, mesmo afirmando que falavam pelo Espírito. A outra possibilidade é que Lucas sintetizou a passagem de formas que ela combina a revelação profética dos sofrimentos de Paulo em Jerusalém com a dedução de que eles se desviaram dela. I. H. Marshal coloca bem isso quando escreve: "a solução mais simples é que os cristãos de Tiro foram levados pelo Espírito a anteverem sofrimento

para Paulo em Jerusalém, e por isso recomendavam, concordemente, que ele não deveria ir" (*The Acts of the Apostles* — Os Atos dos Apóstolos, Tyndale Commentaries). Isto estaria em acordo com a declaração mais completa e imediatamente precedente de Atos 20:22,23: "E agora, constrangido em meu espírito, vou para Jerusalém, não sabendo o que ali me acontecerá, senão que o Espírito Santo, de cidade em cidade, me assegura que me esperam cadeias e tribulações". R. N. Longenecker concorda que esta é provavelmente a solução correta e assim se expressa, com palavras perspicazes, quanto à frase "pelo Espírito" em Atos 21:4: "Provavelmente, entretanto, deveríamos entender a preposição *dia* ("pelo") como significando que a mensagem do Espírito era o motivo para a preocupação dos crentes, e não que a tentativa de dissuadirem a Paulo fosse inspirada diretamente pelo Espírito Santo. Por isso, em concordância com 19:21 e 20:22-24, não deveríamos tratar isso como a rejeição, por Paulo, de um oráculo profético, mas como um outro caso de revelação do Espírito a profetas cristãos sobre o que estava reservado para Paulo em Jerusalém e do desejo natural de seus amigos de dissuadi-lo (cf. vv. 10-15)" (*Expositor's Bible Commentary* — Comentário Bíblico do Expositor, Vol. 9, pág. 516).

Conquanto reconheça a interpretação precedente como sendo o entendimento adequado do texto, Wayne A. Grudem combina a revelação dada pela profecia deles com a errônea dedução deles como se esta fosse parte da profecia revelada, e assim chega à falsa conclusão, sobre esta profecia e à profecia no Novo Testamento em geral, que as "genuínas palavras" da profecia no Novo Testamento não possuem "uma autoridade divina" (*The Gift of Profecy in 1 Corinthians* — O Dom de Profecia em 1 Coríntios, pág. 78). A partir desta perspectiva ele prossegue erradamente dizendo, de Ágabo e da sua profecia em Atos 21:10-11, que "utilizando-se os padrões do Velho Testamento, Ágabo seria condenado como um falso profeta, porque em Atos 21:27-35, nenhuma de suas duas profecias se concretizam" (pág. 79; para virtualmente a mesma avaliação errada veja também D.A. Carson, *Showing The Spirit* — Manifestando o Espírito, Págs. 95 ss.). Para mais refutação desta falsa visão veja Richard B. Gaffin Jr, *Perspectives on Pentecost* — Perspectivas sobre Pentecoste (págs. 65-67).

do capítulo 11 ao 14. Este fenômeno é apresentado como resultado de uma dádiva especial do Espírito Santo, exatamente como foi em Atos capítulos 2, 11 e 21, e, portanto, o fenômeno de Corinto é uma manifestação mais distante da realização da promessa dada por Joel que teve seu cumprimento inicial em Atos.

Antes de voltarmos a nossa atenção para aqueles locais nos capítulos de 11 a 14 onde Paulo dá atenção especial a este dom, vamos fazer uma breve revisão de todas as ocorrências dos termos "profecia", "profetizar" e "profeta" nestes capítulos para que tenhamos um quadro completo antes de examinarmos quaisquer das partes. I Coríntios 11:4-5 fala simplesmente de homens e mulheres "profetizando" mas não acrescenta qualquer informação sobre o fenômeno em si mesmo, exceto para dizer como as mulheres devem profetizar. I Coríntios 12:10 fala de "profecia" como um dos dons. Alguns dos dons mencionados nos versos de 8 a 10 são repetidos nos versos de 28 a 31. Neste ponto Paulo fala desse dom particular nos termos daqueles que o exercitam, isto é, "profetas" (como ele faz em 14:31-32).

I Coríntios 13:2 descreve "profecia" nos termos de conhecimento de "mistérios"

e "ciência". A palavra "mistério" é utilizada no Novo Testamento para significar aquilo que Deus "revela" ao homem pelo Seu Santo Espírito (veja Efésios 3:4 e 5).[5] I Coríntios 13:8 diz que as "profecias desaparecerão" (voltaremos a isso mais adiante) e o versículo 9 diz que "em parte profetizamos".

Em I Coríntios 14 há uma série de referências. Nos versículos 3 e 4 esse dom, pelo que realiza, é exaltado acima de línguas: "[...] o que profetiza, fala aos homens, edificando, exortando e consolando [...] o que profetiza edifica a igreja". Esta declaração diz o que é que a profecia realiza, isto é, edificação; mas não podemos cair no erro de pensar que esta sua função torna-o mais notável do que línguas interpretadas, ou ensino, ou pregação, ou que a sua função edificadora define a natureza essencial da profecia. Todos estes também edificam, mas isto não é a definição distintiva deles. Temos que

[5] O Léxico do Novo Testamento Grego-Inglês de W. Bauer, W. F. Arndt, F. W. Gingrich e F.W. Danker diz que a palavra grega "mistério" (musthrion /mystêrión/) é usada no Novo Testamento significando "os pensamentos secretos, planos, e dispensação de Deus que estão ocultos da razão humana, assim como de qualquer outro nível de compreensão que esteja abaixo do divino, e que por isso precisam ser revelados àqueles a quem se intenta" (pág. 530).

esperar pelas referências posteriores nestes capítulos para que Paulo estabeleça aquilo que caracteriza a profecia, a saber, que a profecia comunica diretamente a revelação direta de Deus. No versículo 5 (e 6) Paulo reitera que a profecia faz aquilo que as línguas não fazem, isto é, edificação direta.[6] No versículo 22 Paulo diz para quem é que a "profecia" é um sinal. Nos versículos 24 e 25 o apóstolo diz como é que a "profecia" comprova ao incrédulo que Deus está no meio dos cristãos: o incrédulo se convence (v.24) porque a profecia revela "os segredos do coração" (v.25). Por ser revelação, a profecia pode trazer à tona aspectos ocultos daquele homem, de forma que "tornam-se-lhe manifestos os segredos do coração". Nos versículos 29 a 33 Paulo fala de como os "profetas" deveriam "profetizar", quer dizer, como deveria ser utilizado o dom de

[6] Vários comentaristas (p/ ex., Hodge, e Robertson & Plummer) reconhecem que Paulo, neste versículo, não trata de quatro modos de comunicação, mas de dois modos repetidos no estilo de paralelismo por efeito. Hodge expressa isso mais clara e plenamente quando diz: "Este versículo não contempla quatro, mas apenas dois modos de abordagem. Revelação e profecia pertencem a um; ciência e doutrina a outro. Quem recebia revelação era profeta, quem tinha 'a palavra do conhecimento' era mestre". Robertson e Plummer indicam que revelação e ciência "são os dons interiores" dos quais profecia e doutrina "são as manifestações externas".

profecia. Este é o enfoque mais sistemático do tratamento dado pelo apóstolo e, portanto, o mais útil para obtermos uma compreensão do fenômeno. Nos versículos de 36 a 40 ele encerra a sua instrução sobre os dons espirituais com uma declaração conclusiva resumida. No versículo 37 o apóstolo diz que se alguém se considera como profeta (ou espiritual) precisa reconhecer "ser mandamento do Senhor o que vos escrevo". E, se alguém não o fizer, que seja "ignorado" (v.38). Nos versículos de 39 a 40 ele elogia o desejo fervoroso por "profetizar", mas diz que isto (e todas as demais coisas) tem que ser feito "com decência e ordem" (v.40).

Retornemos à seção em I Coríntios 14 onde Paulo faz o tratamento mais sistemático sobre a profecia, dos versículos 29 em diante. O cenário é o seguinte. Paulo requer que os profetas falem um de cada vez (v.31, "todos podereis profetizar, um após outro"). Normalmente os profetas vinham com mensagens que sustentavam ter-lhes sido reveladas por Deus. Eles deveriam ter uma ordem preestabelecida pela qual falavam ("dois ou três", versículo 29; "primeiro", versículo 30). Eles deveriam ater-se a este esquema a menos que ("se, porém") Deus, naquela ocasião, desse uma

"revelação" a um dos profetas assentados (v.30). Neste caso, a soberania de Deus, evidenciada pelo ato providencial de conceder a profecia naquele momento, deveria ter a precedência, e o profeta, que era o "primeiro" da lista, deveria calar-se para que aquele que estava, naquele instante, recebendo a revelação de Deus pudesse falar (v.30). Isto não deveria apresentar problema para o primeiro profeta, nem para quaisquer dos outros arrolados para falar antes daquele que agora está recebendo a revelação e vindo adiante para falar, porque eles têm autocontrole e podem esperar pela sua vez. Paulo expressa isto dizendo que "os espíritos dos profetas estão sujeitos aos próprios profetas" (v.32). Mas falar simultaneamente ou desconsiderar que a soberana providência de Deus possa se expressar, ocasionaria desordem e contenda e o Deus, que deu aos profetas o controle de seus próprios espíritos, "não é [Deus] de confusão; e, sim, de paz" (v.33).

A marca inerente de ser um "profeta" e de "profetizar" é que *alguém transmite a "revelação" que recebeu diretamente da parte de Deus* (v.30). No termo "revelação" Paulo adota o mesmo conceito, usado por Joel, para descrever o que ocorre com o dom de profecia. É o mesmo conceito que Pedro

utiliza para descrever o que estava acontecendo em Pentecoste (Atos 2:16 ss.), e também o mesmo conceito usado para descrever o dom de profecia exercitado por Ágabo em Atos (11:27,28; 21:10,11). Paulo não apenas usa o termo chave "revelação" na sua discussão sobre profecia, mas utiliza-o como palavra-chave para descrever todo o fenômeno de profecia no versículo 26. Vemos isso quando analisamos o relacionamento dos termos deste versículo com as instruções dadas por ele nos versículos de 27 em diante.[7]

No versículo 26 Paulo resume com palavras simples o que ocorre na assembléia dos cristãos (com exceção de "salmo", um fenômeno que aparentemente não precisava de instrução). Ele lista os itens do versículo 26 na ordem inversa em que vai tratá-los nos versículos seguintes, de modo que conclui com "língua" e "interpretação", o primeiro item que tratará nos versículos de 27 a 28. Antes desses dois itens da lista do versículo 26 ele usa o termo "revelação" para descrever o que está envolvido quando trata de "profetas" e de "profetizar" nos versículos de 29 a 33, porque a "revelação" expressa a essência

[7] Devo esta percepção a Gaffin, *Perspectives on Pentecost* (Perspectivas sobre Pentecoste), pág. 60.

do que ocorre no fenômeno da profecia. No versículo 26, antes de "revelação" ela arrola "doutrina" (NVI, "uma palavra de instrução"), exatamente o que ele proíbe nas mulheres nos versículos 34 a 35 quando diz que não lhes é permitido falar, daí a sua palavra-chave para designar o que ele trata naquela seção.

Vimos, portanto, que "revelação" é a palavra-chave que Paulo usa para descrever "profetas", "profetizar" e "profecia", por ser ela a essência do fenômeno. Paulo usa aqui o termo "revelação" no sentido de que Deus torna diretamente conhecida do profeta a profecia que quer que ele profetize.[8] É também neste sentido que Paulo usa o termo em Efésios 3:5, onde ele fala que, "segundo uma revelação, me foi dado conhecer o mistério" (v.3) e mais adiante fala do seu discernimento "do mistério de Cristo, o qual, em outras gerações, não foi dado a

[8] Os termos gregos "revelar" (apokaluptw /apókalyptô/) e "revelação" (apokaluyiV /apókalypsis/) têm, respectivamente, o sentido geral de "pôr a descoberto, descobrir, desvendar" e "descobrimento, divulgação, exposição". O aspecto particular, deste sentido mais geral, precisa ser atestado pelo contexto, como procuramos fazer acima. No Novo Testamento há usos diferentes desses termos nos quais se identificam outras nuanças. Ao mesmo tempo tais nuanças não descartam nem obscurecem a nuança amplamente reconhecida, como a vista na passagem

citada acima. Ocorrências e exemplos destas outras nuanças são dados nesta nota de rodapé. Uma das nuanças é a de tornar alguma coisa evidente ou pública, que é o sentido de Lucas 2:35 quando diz: "para que se manifestem os pensamentos de muitos corações" quando crucificarem a Jesus. O conceito é usado no sentido de que Deus se dá a conhecer, ou a alguma coisa mais, na história humana agindo direta e visivelmente nela. Assim, lemos da revelação de Deus na segunda vinda de Cristo (Lc.17:30; 2Ts.1:7), ou de Deus revelando o Anticristo (2Ts.2:3). O termo também pode significar "iluminar". Quando a Bíblia diz que o Pai revelou-se aos pequeninos (Mt.11:25; Lc.10:21) e que Jesus tem a capacidade de revelar o Pai (Mt.11:27, Lc.10:22), é a maneira da Escritura dizer que apenas o Espírito Santo, que o Pai e o Filho enviam, pode fazer alguém compreender realmente a mensagem do Evangelho, e assim vir a conhecer ao Deus que está nele revelado. O conceito é usado de modo semelhante em Efésios 1:17 e particularmente em Filipenses 3:15 onde se diz: "e, se porventura pensais doutro modo, também isto Deus vos esclarecerá [revelará]". Paulo está dizendo que Deus os guiará, pelo Seu Espírito, no entendimento desta verdade levando-os a conhecer a realidade e a veracidade daquilo que os está ensinando, motivo pelo que escreveu, e esforça-se por faze-los aceitar. Todas as nuanças têm em comum o sentido essencial do conceito. A dimensão adicional que se vê no uso dos termos, nas passagens citadas no corpo principal do documento acima, é que nesses casos a mensagem de Deus está sendo transmitida no ato de "pôr a descoberto" ou de "divulgação". Portanto, sempre que os termos são usados com o sentido de comunicar a mensagem de Deus a alguém, não são usado nas outras nuanças mencionadas acima; por exemplo, quando significa a descoberta de alguma coisa na história, não significa a iluminação pela qual alguém vem a compreender uma dada mensagem. Quando é usado com referência à transmissão da mensagem de Deus a alguém é então usado com o sentido que o próprio Paulo indica em Ef.3:3-5. Lá ele diz que a "revelação" é o meio pelo qual o mistério lhe é dado conhecer (Ef.3:3), isto é, que a revelação em si mesma - neste caso - comunica a mensagem. Tanto lá em Efésios (3:3-5) quanto na passagem de I Coríntios (14:26,30) ele associa esta nuança da revelação com os "profetas".

conhecer aos filhos dos homens, como, agora, foi revelado aos seus santos apóstolos e profetas, no Espírito" (vv. 4,5). "Revelação" é o termo chave usado por Paulo para relacionar o que Deus disse sobre os profetas, isto é: "Suscitar-lhes-ei um profeta [...] em cuja boca porei as minhas palavras, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar" (Dt.18:18). Nas passagens de I Coríntios e Efésios o termo é usado por Paulo no sentido em que usamos esta palavra quando falamos da Bíblia como revelação, a Palavra Revelada de Deus. Portanto, por mais duas vezes nesta passagem ele fala de profecia nos termos da sua essência, que é, "revelação". Este também é o conceito chave que Paulo utiliza quando fala sobre a obra dos "profetas" em Efésios 3:3-5.

Aquilo que aprendemos de Paulo também constatamos no uso que Pedro faz do conceito de "profecia". Em II Pedro 1:20 ele afirma que "nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação". Esta é uma das afirmações sobre profecia que se acha registrada nas Escrituras. Ele, então, comprova esta afirmação com base na bem conhecida verdade: "pois jamais a profecia teve origem na vontade humana, mas homens falaram da parte de Deus,

impelidos pelo Espírito Santo" (II Pd.1:21, NVI; o "pois" no começo da frase tem o sentido de "porque" e indica que esta declaração dá a razão pela qual a declaração precedente pode ser feita). O versículo 21 não é uma repetição do 20 mas uma declaração mais genérica sobre a profecia que proporciona a base para a afirmação anterior. Noutras palavras: a "profecia" agora registrada nas Escrituras não foi a interpretação particular do profeta "porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens santos falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo" (v.21 - ARA). Com estas palavras temos, com efeito, a definição de Pedro para "profecia" — uma definição para a qual ele diz não haver exceções (observe a negativa absoluta que ele usa: "porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana") — e, portanto, uma descrição que define a "profecia" nos períodos tanto do Velho quanto do Novo Testamentos, quer seja falada (que é a palavra que ele usa) quer seja escrita. Observe ainda que estas palavras foram escritas por Pedro, o mesmo que disse no dia de Pentecoste que a profecia de Joel estava se cumprindo na era apostólica e que, por isso, os homens e mulheres

daquela era "profetizarão" (Atos 2:18, suas próprias palavras, não as da profecia de Joel). Portanto, ele escreve como aquele que sabe que a "profecia" é um fenômeno da era apostólica e dá a sua definição de profecia naquele contexto.

Por isso, com base nestas considerações, sugiro que deveríamos sustentar que *as profecias faladas nas páginas do Novo Testamento,* inclusive a descrita em I Coríntios, *são revelacionais por natureza.*

Uma coisa mais que está precisando de atenção no tratamento que Paulo dá a "profecia" em I Coríntios 11 a 14 é que ele usa os três termos "profecia", "profetizar" e "profeta" de maneira inextricavelmente entrelaçada para referir-se ao mesmo fenômeno. Em I Coríntios 12:4 ss. Paulo diz que há variedade de dons (v.6) e que Deus dá a alguns (mas não a todos) o dom de "profecia" (v.10, "a outro, profecia"). Ele retorna ao mesmo ponto nos versículos de 28 em diante colocando perguntas (que esperam respostas negativas) sobre esses dons espirituais. Ele coloca a pergunta sobre o dom de profecia questionando: "São todos profetas?" (v.29 - NVI). Ao fazer isso ele usa a palavra "profetas" para aqueles com o dom de "profecia". Portanto

aqueles que exercitam o dom de "profecia" podem ser chamados de "profetas". De modo semelhante em I Coríntios 14:29-33 Paulo fala de "profetas" e diz que eles profetizam ("profetas" versículo 29; "profetizar" versículo 31; "profetas" versículo 33). Portanto, para Paulo um "profeta" é quem "profetiza". Em síntese: *no Novo Testamento o "profeta" é aquele que "profetiza" uma "profecia".*

Precisamos agora considerar o segundo aspecto deste assunto; a questão se cessaram ou não os dons revelacionais, particularmente o dom revelacional de profecia. Vamos à carta de Paulo aos Efésios pois nela ele fala três vezes sobre profetas do Novo Testamento (2:20; 3:5; 4:11).

Antes de averiguarmos o que este livro tem a dizer sobre a principal pergunta diante de nós, precisamos procurar determinar quais são os "profetas" que Paulo tem realmente em vista, isto é, profetas do Velho Testamento, profetas do Novo Testamento, ou ambos. Efésios 4:11 fala de "profetas" como concedidos pelo Cristo elevado (versículos 10 e 11). Tanto isto quanto o emparelhamento deles com os "apóstolos" implica claramente que são profetas do Novo Testamento. Em Efésios 3:5 ele fala do mistério de Cristo como

sendo não conhecido dos tempos do Velho Testamento "como agora foi revelado aos seus santos apóstolos e profetas". O contraste com as gerações passadas, o indicador explícito de tempo, "agora", que especifica que a revelação estava ocorrendo nos dias de Paulo, e novamente o emparelhamento com os apóstolos estão indicando novamente que Paulo está falando de profetas do Novo Testamento. Finalmente, em Efésios 2:19-20, Paulo fala da igreja como a família de Deus na qual os gentios não são mais "estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos, e [...] da família de Deus; edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular". Esta perspectiva na qual gentios e judeus são agora feitos em "um novo homem" (v.15), também parece que leva em conta, assim como as outras duas passagens, os profetas do Novo Testamento.

Efésios 2:20 é um texto crucial para a nossa compreensão da natureza fundamental do ministério profético e apostólico. Esta passagem vincula os apóstolos e profetas, como "o fundamento", com Cristo, a pedra angular da igreja. Do mesmo modo como esta passagem ensina que Cristo é a "pedra angular" que foi

assentada uma única e exclusiva vez para sempre, e que não se repetirá, assim também ensina que os apóstolos e profetas são a fundação que não se repete e que foi assentada de uma vez por todas. É a verdade desta passagem que nos tem ajudado a entender por que os apóstolos não foram continuamente substituídos (assim como Judas foi substituído por Matias) ao longo da história da igreja. Combinando esta passagem com Efésios 3:5, a qual ensina que o mistério de Cristo foi mais completa e claramente revelado através dos apóstolos e profetas (cumprindo a promessa de Cristo a eles, João 16:12-13), vimos a entender por que os escritos apostólicos eram considerados como canônicos e suficientes para a igreja como escritos fundamentais.

Compreendendo que não se repete aquilo que é de caráter fundamental, aceitamos o fato de que o dom dos apóstolos cessou quando eles completaram a sua obra de fundação. Baseados, portanto, nos princípios desta passagem da Escritura (e em outros), vimos a reconhecer que cessou o principal dom revelacional através do qual Deus revelou a Sua vontade à igreja, a saber, os apóstolos. Juntamente com os apóstolos e distintos deles (como é o caso

em outras partes no Novo Testamento, compare Efésios 3:5; 4:11; I Coríntios 12:28-29), estão os "profetas"[9] do Novo Testamento, isto é, aqueles que exercitavam o dom de "profecia" pela "profetização" (conforme demonstramos anteriormente). *Da mesma forma que esta passagem indica que os apóstolos não continuarão, assim também indica que os profetas não continuarão.* Eles não continuam porque o seu trabalho de fundação (como foi observado para os apóstolos) era serem aqueles através de quem Deus deu mais clara e totalmente a Sua revelação

---

[9] À assertiva de Grudem de que a referência em Efésios 2:20 e 3:5 deveria ser entendida com o sentido de "os apóstolos que também são profetas" (*The Gift of Profecy* — O Dom de Profecia, pág. 105) deve-se dizer francamente que é um caso de apelação em favor do seu argumento de que a profecia do Novo Testamento continua e é uma classe diferente de revelação. Paulo distingue claramente "apóstolos" (tous men apostolous /tous men apóstólóus/) de "profetas" (tous de projhtas /tous de prófêtas/) em outra única referência a eles em Efésios (4:11) como faz em I Coríntios 12:28 ("primeiramente [prwton /prôtón/] apóstolos, em segundo lugar [deuteron /deutérón/] profetas") e 12:29 (observe as perguntas separadas e distintas: "são todos apóstolos? Ou todos profetas?") e não há razão verdadeira para afirmar, como faz Grudem, que Paulo não faz distinção entre eles em Efésios 2:20 e 3:5. Grudem reconhece apropriadamente que Efésios 2:20 indica o caráter fundamental e não repetitivo dos "apóstolos" e por isso dá-se conta de que, da sua perspectiva, a passagem não deve ser entendida como se referindo a profetas do Novo Testamento.

concernente ao mistério de Cristo (Ef.3:5). *Portanto, todas as exortações do Novo Testamento relacionadas à profecia não são mais prescritivas para nós os que vivemos após o período fundamental dos apóstolos e profetas, o qual agora cessou.*[10]

Com base nesses versículos, que se referem efetivamente a apóstolos e profetas como oficiais extraordinários ("o fundamento", Ef.2:20) com dons extraordinários relativos à revelação ("como agora foi revelado aos seus santos apóstolos e profetas, no Espírito", Ef.3:5), a Igreja Presbiteriana na América confessa em seu *Book of Church Order* (Livro de Ordem da Igreja), Capítulo 7, seção 1, a seguinte e principal declaração sobre este assunto:

---

[10] Reconhece-se normalmente que não faz sentido se aplicar a exortação de Paulo quanto ao acréscimo do "véu" sobre a cabeça da mulher ao orar ou profetizar quando o significado do fenômeno não mais existe, isto é, quando "cobrir" a cabeça de uma mulher não mais significa a sua feminilidade e especialmente a sua submissão ao marido (I Cor.11:5-6, compare o versículo 15). Assim reconhecemos o princípio interpretativo de que não se aplica uma exortação encontrada nas Escrituras se as próprias Escrituras o indicarem diretamente ou pela boa e necessária inferência de ser este o caso. Para uma maior explicação deste princípio, aplicado a esta situação em particular, veja do mesmo autor, *The Role Relationship of Men and Women* (O Papel do Relacionamento de Homens e Mulheres, Chicago, Moody Press, 1985, pág.20).

"No período do Novo Testamento, o nosso Senhor a princípio congregou o Seu povo de diferentes nações, e os uniu na família da fé pelo ministério de oficiais extraordinários que receberam dons extraordinários do Espírito e que foram agentes através dos quais Deus completou a Sua revelação à Sua igreja. Tais ofícios e dons relacionados à nova revelação não possuem sucessores desde que Deus completou a Sua revelação na conclusão da era apostólica".[11,12]

---

[11] Na sentença de um caso judicial a Assembléia Geral adotou a seguinte declaração: "A *Confissão de Fé de Westminster* I:VI não ensina e não deve ser interpretada como se considerasse a continuação da revelação, mas estabelece a suficiência das Escrituras. Portanto, não se pode apelar a esta seção como apoio à noção da continuação da revelação [...] Os Padrões Constitucionais da PCA (Igreja Presbiteriana na América) não levam em consideração uma revelação contínua — que não seja a Escritura canônica (que é completa) — que seja mais do que uma mera iluminação e providência, um tipo de nova revelação não autoritativa, não canônica" (*Minutes of the 1986 General Assembly* — Minutas da Assembléia Geral de 1986, pág. 230).

[12] Algumas vezes argumenta-se contra a passagem de Efésios 2:20 e contra a declaração do Livro de Ordem da Igreja (*Book of Church Order*) que resume o sentido desta e de outras passagens, afirmando-se que I Coríntios diz, ou pelo menos implica, que a profecia continua até a volta de Cristo. O argumento apela para o fato de que o versículo 9 diz que "em parte profetizamos" e que o versículo 10 diz "quando, porém, vier o que é perfeito, então o que é em parte será aniquilado". Apela ainda para o fato de que a

vinda da perfeição está estabelecida no versículo 12 como sendo o ver "face a face" no qual "conhecerei plenamente"(NVI), isto é, será a visão que se tem de Cristo quando Ele retornar e quando formos ressuscitados para estar com Ele para sempre. É melhor reexaminar a passagem de I Coríntios, desde que a sua metáfora e declaração sobre a parcialidade do conhecimento do cristão não se sustenta em oposição e conflito com a declaração principal de Efésios 2:20, que fala do caráter fundamental, e portanto não contínuo, dos apóstolos e profetas. É necessário se observar cuidadosamente que Paulo não afirma que a profecia continuará até o retorno de Cristo, até que venha a perfeição, e até que conheçamos plenamente. Tudo o que ele diz, para usar cuidadosamente as suas próprias palavras, é que, o que é perfeito "em parte" (imperfeito) "será aniquilado" "quando [...] vier o que é perfeito". O que ele tem em mente é a parcialidade do conhecimento, como deixa clara a sua reiteração sobre o assunto no versículo 12: "agora conheço em parte" (em ambos os casos é usada exatamente a mesma expressão grega [ek merouV /ek mérous/] para o português "em parte", vv. 10 e 12). Ele escreve para uma congregação que está vivendo no período apostólico, no qual estão presentes a profecia e outros meios de obtenção do conhecimento parcial, e os adverte para que não se tornem preocupados com o seu conhecimento parcial como se ele fosse mais importante do que o amor e fosse continuar até a eternidade. Ele não afirma que a profecia vai continuar, mas apenas que a sua significação, como um dos meios da aquisição de conhecimento parcial, deveria ser julgada à luz daquilo que é perfeito e que há de vir e remover toda a parcialidade em nosso conhecimento sem importar como foi adquirido. Ele também escreve, com uma certa expectativa, quanto ao retorno de Cristo e com uma reconhecida falta de conhecimento de quando Cristo há de vir, ou de quanto tempo este período há de continuar. Para nós a implicação desta passagem não é que a profecia deve continuar até o retorno do Senhor, mas que, para aqueles de nós que vivemos após o período fundamental dos apóstolos e profetas, a implicação é que não deveríamos considerar o nosso conhecimento parcial — obtido pela revelação registrada no Novo Testamento dada pelos apóstolos e profetas — e o conhecimento que adquirimos pela compreensão daquela revelação como tão completo e

importante a ponto de pensarmos que ele é mais importante do que o próprio amor. Vemos assim que esta passagem e Efésios 2:20 não são contraditórias, mas que olham para a profecia de diferentes perspectivas. Outros irmãos reformados trataram diferentemente desta passagem, mas também concluíram que ela não diz que a profecia continua. Também deve-se observar que Efésios 2:20 e a declaração do Livro de Ordem da Igreja (e a Confissão de Fé de Westminster I:I) tratam do curso dos eventos até o retorno do nosso Senhor, isto é, desta era. Eles não fazem qualquer declaração quanto aos eventos associados com o grande e vindouro ato histórico-redentivo e revelacional. O retorno do nosso Senhor será em si mesmo um evento revelacional (assim como foi a Sua primeira vinda e tudo o que Ele fez) e não é surpreendente que associado a esta ação da Sua parte (de acordo com uma linha de interpretação) haja o fenômeno único das duas testemunhas que irão novamente "profetizar" (Ap.11:1-12). Mas quando eles derem a revelação que Deus quer que seja dada em conexão com esta nova ação de Cristo, assim como os apóstolos e profetas do Novo Testamento fizeram em conexão com a Sua primeira vinda, a função e atividade deles chegará a um fim, como o dos apóstolos e profetas do Novo Testamento (versículo 12). Há uma congruência entre este fenômeno único (dos dias finais) e o fenômeno dos apóstolos e profetas do Novo Testamento, ambos em termos de sua função e cessação. Assim Apocalipse 11:1-13, seja qual for o princípio que se adote para Apocalipse e para esta passagem, não pode ser contraposto a Efésios 2:20 e ao seu ensino sobre o ofício fundamental e não repetitivo e sobre os dons revelacionais dos apóstolos e profetas do Novo Testamento nesta era.

A PROFECIA no Novo Testamento

A idéia de que a revelação continua tem crescido tragicamente mesmo dentro de igrejas Presbiterianas. Algumas igrejas são tolerantes com o movimento carismático e com homens que não admitem que a revelação cessou.

Dr. George Knight oferece a resposta necessária aos advogados da revelação contínua. Ele demonstra, pelas Escrituras, que a profecia é um dom revelacional no Novo Testamento. Lado a lado com os Apóstolos, os profetas do Novo Testamento cumpriram um papel fundamental como instrumentos da revelação divina. Depois que as Escrituras do Novo Testamento foram escritas, este papel fundamental se completou, e os Apóstolos e profetas cessaram. Não devemos, portanto, esperar por novas revelações.

Dr. George Knight III é professor adjunto de Novo Testamento no Seminário Teológico Presbiteriano de Greenville. Bacharel e Mestre em Teologia pelo Seminário Teológico de Westminster, e Doutor em Teologia pela Universidade Livre de Amsterdã. Também escreveu The Faithful Sayings in the Pastoral Letters (1968), The Role Relationship of Men and Women (Edição revisada, 1985), Abortion: How does God's Word Regard the Unborn Child? (reimpressões disponíveis) e Commentary on the Pastoral Epistles (Edição revisada, 1996).

"Finalmente alguém o fez! De forma clara e inequívoca, George Knight demonstrou, com dados bíblicos, que a profecia significa a proclamação da verdade imediatamente revelada não a pregação de uma revelação mais antiga, já registrada. Pegue este livro; ele vai conduzir o seu pensamento em linha reta!"

Jay E. Adams

EDITORA OS PURITANOS

Editora Os Puritanos
Rua Canguaretama, 181
V. Esperança - São Paulo - SP
Cep 03651-050 - Tel/fax: (011) 6957-3148
E-mail: puritano@mandic.com.br